

As personagens femininas tradicionais e modernas nos romances de Cyro dos Anjos

Geuvana Vieira de Oliveira

Mestre em Literatura Brasileira / UFMG

RESUMO

Esta pesquisa consiste em analisar como as personagens femininas são retratadas em *O Amanuense Belmiro*, *Abdias* e *Montanha*, de Cyro dos Anjos, observando como ocorre, de acordo com seus narradores, a representação dessas figuras que apresentam estereótipos tradicionais e modernos. As personagens tradicionais que compõem o *corpus* são retiradas de cada um desses romances, sendo Emília, Carlota e Cláudia figuras que agem contaminadas pelos resquícios de atitudes vinculadas a uma tradição sociocultural. Em contraponto, analisam-se, também, as personagens modernas Jandira, Gabriela e Ana Maria, que são construídas com aspectos da mulher moderna. Como recurso teórico, utilizam-se textos teóricos e críticos sobre o contexto histórico e cultural do Brasil Colônia até o século 20, com o intuito de compreender as convenções sociais e a figuração das personagens que simulam certos comportamentos dessa estrutura social.

PALAVRAS-CHAVE

Representação feminina, romances, Cyro dos Anjos

INTRODUÇÃO

Em 1937, surgiu o primeiro livro de Cyro dos Anjos, *O Amanuense Belmiro*, sobre o qual expressa o próprio autor:

(...) o acolhimento foi simpático, e eu me senti lançado na vida literária. *O Amanuense Belmiro* encontrou o terreno preparado. Toda a minha vida

transcorrida até ali, até os 30 anos, todas as experiências sentimentais, líricas etc., foram metidas no livro; eu estava amadurecido para um livro.¹

Esse foi o início de uma carreira literária que rendeu a Cyro dos Anjos quatro obras, sendo três romances: *O Amanuense Belmiro*, *Abdias* e *Montanha*; e um livro de memórias: *A menina do sobrado*. Neste artigo, no entanto, o *corpus* compõe-se dos três romances desse escritor.

Muitos estudos até o momento têm sido feitos a respeito da obra de Cyro dos Anjos, contudo, nenhum deles se ateve a analisar exclusivamente a construção das personagens femininas sob o viés comparativo, com ênfase na representação das personagens tradicionais e modernas. A relevância desta pesquisa está na análise de como o contexto de conquistas modernizadoras avança, misturando-se aos entraves tradicionais estabelecidos na história do Brasil, gerando, assim, um conflito de perspectivas que se inscreve nos diversos campos da sociedade como um todo. Dentro desse contexto de problemas, ressalta-se o da transição de um ambiente rural e tradicional para um ambiente urbano e moderno, resultado direto do processo de formação e crescimento das cidades. Essa transição repercute em diversas esferas da vida, alterando costumes e padrões de sociabilidade, com destaque para a posição das mulheres na sociedade, que, seguindo o fluxo de mudanças, sofreu alterações profundas. Em um contexto mais tradicional, fora do impulso transformador que caracterizava a época, encontram-se mulheres submetidas a uma ideologia patriarcal, assumindo um comportamento acanhado, recluso e submisso. Ao mesmo tempo e diferentemente, a sociedade urbana e moderna altera em profundidade essas premissas dos costumes, ajudando a formar uma ideologia mais liberal e ativa que leva a uma mudança de comportamento feminino: nesse novo cenário, as mulheres apresentam-se mais independentes e ativas.

TIRANDO DO BAÚ AS PERSONAGENS FEMININAS TRADICIONAIS

O Amanuense Belmiro é o primeiro romance de Cyro dos Anjos, escrito em 1935 e publicado em 1937. A análise se restringirá à escolha de uma personagem feminina, Emília, que é nomeada aqui neste estudo de tradicional, apesar de outras serem citadas na trama. Emília serve para traçar um paralelo com os livros *Abdias* e *Montanha*, devido ao destaque que ela possui no romance, simbolizando o mundo da tradição, com comportamentos interioranos que estão desvinculados do contexto; ela vive na capital mineira como se vivesse no interior. As personagens, de acordo com Antonio Candido, assim se designam: “Como

¹ ANJOS. Escritores mineiros: Cyro dos Anjos, p. 132. Resposta dada pelo autor em entrevista concedida ao itálico Giovanni Ricciardi, em 1986.

seres humanos encontram-se integrados num denso tecido de valores de ordem cognoscitiva, religiosa, moral, político-social e tomam determinadas atitudes em face a esses valores.”²

Emília Borba teve uma educação em ambiente rural, a mesma recebida pela maioria das mulheres até o início do século 19: “Desde cedo, viram que era impossível dar-lhes educação condigna, mandando-as ao Colégio de Diamantina. Tiveram que viver sempre na fazenda, como bicho-do-mato, entre o pessoal de serviço.”³ Com isso, mesmo sendo de uma família economicamente bem-sucedida, Emília não teve uma educação formal, não adquiriu um refinamento; a convivência e a educação adquiridas com as escravas, no interior, mostram que a personagem não recebeu a educação devida. O narrador frisa a falta de polidez dela ao se referir a ela duas vezes no livro como “bicho do mato”, assim afirmando o narrador que a personagem era indomável, sem gentilezas e sem refinamento feminino.

A personagem era a típica representante da mulher tradicional na sociedade da época, seguindo os parâmetros de comportamentos da sociedade patriarcal, em que desempenhava as tarefas domésticas, tendo como lazer se ocupar de atividades manuais: “Terminado o jantar e arrumada a cozinha, as duas podem fazer sua renda de bilro segundo a tradição da casa, até a hora de se deitar.”⁴ Nesse fragmento, percebe-se que o narrador mostra explicitamente que o cotidiano de Emília segue a tradição familiar, estando consciente das atribuições que as mulheres de sua família desempenhavam. O papel social dessa personagem restringe a cuidar do bem familiar, da casa, da roupa, da comida e dos irmãos.

A falta de refinamento de Emília pode ter colaborado para a inaptidão de conseguir encontrar um casamento em Belo Horizonte. Emília não se casou e não teve filhos, mas era a “mãe” e a dona da casa de Belmiro, tendo este até um certo medo dela. Assim, suas atribuições eram de uma mulher do lar, aquela da sociedade patriarcal, porque cuida da casa e dos irmãos e tem atitudes idênticas às das mulheres casadas, só o que lhe falta é o marido. A maioria das mulheres dessa época possuía um marido para sustentá-las, porque não desempenhavam uma profissão pública. Ela também era mantida por um homem, Belmiro, o irmão, que tinha o papel de provedor da casa.

Emília é seguidora da religião católica, e cumpre o ritual de ir à missa: “O relógio de repetição dá oito horas na sala de jantar. Emília volta da missa, com o vestido novo que

² CANDIDO. A personagem do romance, p. 45.

³ ANJOS. *O Amanuense Belmiro*, p. 20.

⁴ ANJOS. *O Amanuense Belmiro*, p. 19.

exumou da canastra e cheira a naftalina.”⁵ O lugar público que a personagem frequentava era a igreja. Esse comportamento pode ser visto como retrógrado, típico das mulheres dos séculos passados, contrastando com o contexto em que vivia: a cidade oferecia bares, cafés, teatro, etc. como atividade de lazer e entretenimento. Apesar de viverem na capital do estado, a personagem traz consigo os mesmos costumes das mulheres do interior, dos lugarejos e do rural; estudos apontam que nesses lugares a modernização foi mais lenta e a maneira de se portar demorou mais a se modificar. Percebe-se que as pessoas advindas de tais lugares, ao povoarem as capitais e as cidades planejadas com arquitetura e espaço modernos, portam-se como no interior.

A segunda personagem tradicional é Carlota, de, *Abdias*, segundo livro do escritor Cyro dos Anjos – publicado em 1945. Assim, como em *O Amanuense Belmiro*, esse romance é também narrado por um homem, Abdias, que o faz em primeira pessoa, em forma de autobiografia do próprio narrador que também é a personagem protagonista. Aqui, também, a representação feminina da personagem é considerada com comportamento tradicional, cujo nome é Carlota, casada com Abdias e que cuida da casa, do marido e dos filhos. Suas atividades restringem-se ao ambiente doméstico. Da mesma forma que Emília, de *O Amanuense Belmiro*, ela é considerada representante da mulher tradicional na sociedade da época, porque segue os parâmetros de comportamentos da sociedade e o contrassenso histórico do patriarcalismo e semipatriarcalismo, que, segundo Marina Maluf e Maria Lúcia Mott, tornava a mulher submissa, sem direito a exercer papéis sociais além do espaço do lar.⁶

Carlota é representada pelo narrador, Abdias, como uma mulher do interior de Minas Gerais, da cidade de Sabará, que viera para a capital, e lá os dois se conheceram. Ele conta que esta o governava e informa sobre os estudos que Carlota fazia na capital: “Ela havia terminado o seu tempo de colégio e, como nada houvesse que fazer em Sabará, ficou por aqui, em casa de João Carlos, a frequentar quantas aulas via anunciadas no jornal, desde as línguas e literatura até as de pintura e modelagem de uso doméstico.”⁷ Com isso, percebe-se que a educação da personagem se destinava a exercer a função de esposa; sua formação era para se adequar ao papel burguês. Além disso, esperava-se que as mulheres conhecessem sobre arte, trabalhos manuais e que exercessem as habilidades do lar, principalmente quanto à educação dos filhos. Nota-se que Carlota possui o refinamento que falta a Emília: aquela veio para a

⁵ ANJOS. *O Amanuense Belmiro*, p. 194.

⁶ MALUF; MOTT. *Recôndidos do mundo feminino*, p. 381.

⁷ ANJOS. *Abdias*, p. 59.

capital e estudou “boas maneiras”; além de ser predeterminada para o casamento, ainda possuía os atributos para tanto.

Devido a isso, o narrador informa que conheceu a esposa em um curso de Literatura Inglesa e começou a namorá-la, no entanto foi o pai dele quem acertou o arranjo do casamento, como se pode comprovar no romance:

Em uma das vindas à Capital, descobriu o vago namoro que me ligava a Carlota, e foi logo procurá-la. Entenderam-se admiravelmente, e dessa conversa à minha revelia saí noivo. Como homem de boa avença, dei tudo por firme e valioso, segundo se diz na linguagem tabelioa, e daí a algum tempo me casei.⁸

Com essa citação, nota-se que o casamento de Carlota fora providenciado por seu sogro, pois Abdias hesitava em se casar. É nítido que ele cumpriu com a palavra dada pelo pai, embora se refira ao namoro como vago. Então, nota-se que os casamentos ainda precisavam ter o aval do patriarca. Isso remete a atitudes do século 18, ou antes, quando, aqui no Brasil, os pais ou as mães combinavam as uniões dos filhos. O narrador também traz à tona as características das mulheres escolhidas para o casamento:

Não nos despertarão os amores fulminantes, as avassaladoras paixões. No comum não são formosas, embora, às vezes, a harmonia de traços lhes dê uma graça estável, uma beleza sólida, feita para vencer o tempo. Daí constituírem (...) o ideal de companheira: ao mesmo tempo que nos aplacam as inquietações da pobre carne, arrancam nos a solidão da alma, trazem-nos a possibilidade de um diálogo.⁹

O fragmento mostra com clareza que Abdias tem consciência da diferença que há entre os protótipos de mulher: a ideal para se casar em contraponto com as que despertam paixão. No texto literário, pode-se observar a concepção burguesa de casamento, em que as mulheres eram escolhidas por interesses ou afinidades dos pais, e não pelo sentimento que envolvia os noivos. Apesar de o narrador mostrar que a afeição – e não o amor – unia-o à esposa, no texto, em uma discussão com a mulher observa-se: “Estou observando você há muito tempo. Sei que não gosta mais de mim, e é o quanto basta. Se não fossem os meninos já teria tomado atitude. Penso nisto não é de hoje.”¹⁰ Verifica-se que essa personagem é uma esposa atuante, o que condiz com sua época; ela investiga e reclama as atitudes inconvenientes do marido.

⁸ ANJOS. *Abdias*, p. 59-60.

⁹ ANJOS. *Abdias*, p. 60-61.

¹⁰ ANJOS. *Abdias*, p. 148.

Todas as atividades desempenhadas por Carlota são restritas ao lar. Era uma pessoa controladora, dominadora, forte e proporcionava ao marido segurança e equilíbrio, como se confirma neste trecho: “Retruquei-lhe que lhe não nascem duas Carlotas no mesmo século e que eu jamais encontraria quem me governasse tão bem.”¹¹ E também, em outro fragmento, diz: “Carlota era para mim a segurança e o equilíbrio.”¹² Essa personagem era a ideal para se casar, uma vez que exercia o papel de esposa com eficiência, pois era exatamente para isso que as mulheres se casavam, para proporcionar a paz no lar. Ela dependia do marido para seu sustento e o dos filhos e, em troca, cuidava da tranquilidade e harmonia do lar, de quatro filhos, da casa e controlava o marido. Com isso, as atividades desempenhadas por Carlota são consideradas tradicionais, porque prevalecem as atitudes segundo os moldes dessa formação familiar.

No romance *Abdias*, o narrador dá voz a Carlota com frequência através do discurso direto, porque em *O Amanuense Belmiro*, o narrador usa mais o discurso indireto para mostrar o que Emília diz, e poucas vezes faz uso do discurso direto, mas prevalece a visão do narrador que “pode descrever as personagens do ponto de vista exterior, como um espectador parcial ou imparcial; ou pode assumir a onisciência e descrevê-las do ponto de vista interior”.¹³ Assim, é isso que o narrador faz, porque, nesses dois romances, ele não mostra o pensamento dessas duas personagens, não sendo suas vozes retratadas com muita frequência.

A terceira personagem tradicional é Cláudia, do terceiro romance de Cyro dos Anjos, *Montanha*, que foi publicado em 1956. Ela, apesar de ser representada na metade do século 20, os resquícios do 19 prevalecem, também, em sua construção. Ela é uma mulher casada que é construída em toda a narrativa como submissa e ideal, com quem os homens desejam se casar:

A princípio Cláudia insistira em ir para Copacabana. Depois acostumou-se, não falou mais nisso. Acomodava-se tão bem a tudo... Como não gostar dela? Por certo vale mais que a herança. Trouxe-lhe um convívio amável, sem inquietações, deu-lhe um lar, sem impor excessivamente a sua companhia. Quanto a conveniências, também havia de ter calculado um pouco ao decidir-se a casar. Queria um bom marido, mais que tudo amigo, não pedindo ardores o seu comedido temperamento, mas não lhe teriam sido indiferentes os seus êxitos na política.¹⁴

¹¹ ANJOS. *Abdias*, p. 65.

¹² ANJOS. *Abdias*, p. 201.

¹³ FORSTER. *Aspectos do romance*, p. 62.

¹⁴ ANJOS. *Montanha*, p. 22-23.

Com o fragmento, fica nítido que o narrador, ao narrar sobre essa personagem, emite juízos de valor a respeito do que o homem considera vantagem em ser casado com ela, e julga os comportamentos das personagens como um bom conhecedor da personalidade feminina. O trecho supracitado mostra também que Cláudia era a esposa que não criava muitos conflitos com o marido, o político Pedro, que se casou por comodidade. Tanto um quanto o outro fizeram do casamento um pacto com a boa convivência, sendo um ato vantajoso para ambos.

Na metade do século 20, o casamento continuava sendo uma instituição social importante. Para o casal, o matrimônio era também uma transação econômica, como se pode perceber neste trecho do livro: “Não é nenhum santo, mais de uma vez pensou na herança; contudo, a vida de Cláudia lhe é preciosa por outros motivos. De fato, houvera cálculo em seu casamento, mas fora da simpatia o impulso que o arrastou à decisão final.”¹⁵ Assim, as personagens Cláudia e Pedro sabiam das vantagens de se unirem, ou seja, era um arranjo financeiro que se fazia ao se casarem. A classe social da mulher despertou interesse no homem, que procurava no casamento uma segurança cotidiana, o que uma paixão não o daria. Em outro fragmento, afirma: “Impossível deixar Cláudia. Constituem um sistema, uma organização, uma empresa. Além disso é boa esposa.”¹⁶ É nítida a função social do casamento em oposição a uma união vinculada por sentimento amoroso, o que também é recorrente em *Abdias*, que vê o casamento como forma de manter o *status* social e “inquietar a carne”.

Outra atribuição exercida pela mulher até o século 19, era a de ser mãe e, apesar da impossibilidade de a personagem gerar filhos, ela não se privou de exercer o papel de mãe, adotando uma criança: “desde que ela tomara o pequeno para criar, o assunto era só este. Jantando um dia com eles, dissera o Ministro Pedrosa que a gente se apega mais aos filhos de criação que aos próprios. Não os tendo próprios, era impossível a Cláudia comparar um e outro afeto.”¹⁷

A personagem não exercia, também, nenhuma atividade fora de casa e, apesar de saber que o marido tinha amante, não demonstra nenhuma atitude mais radical perante isso. Além disso, Cláudia era compreensiva, cuidava do bem-estar da família, era companheira e entendia o marido. Seu lazer era também o trabalho manual: “A um canto do alpendre da casa de campo, Cláudia faz tricô.”¹⁸ Ela ficava sempre à espera do retorno do marido. Nesse romance,

¹⁵ ANJOS. *Montanha*, p. 22.

¹⁶ ANJOS. *Montanha*, p. 190.

¹⁷ ANJOS. *Montanha*, p. 23.

¹⁸ ANJOS. *Montanha*, p. 188.

era também exclusivamente o homem que ocupava o ambiente externo e tinha atividades públicas. Cláudia restringe-se a desempenhar o papel de esposa, mãe e companheira; seu sustento financeiro provinha do marido. No romance, é fácil saber que Cláudia tinha boas maneiras e possuía conhecimento, era de uma classe privilegiada, e, no entanto, sua função era somente a de exercer o papel de mulher do lar. Cláudia sabia ler e escrever, mas não utiliza esses conhecimentos para outras atividades, pois o narrador não atribui a isso qualquer benefício para o cotidiano de personagem.

Apesar de ser de uma família de políticos, sendo influente em sua cidade, o texto não evidencia pormenores a respeito de sua vida social, nem mesmo nos ambientes públicos, como por exemplo, teatro, bares, cafés etc. Cláudia, apesar de viver no espaço urbano, não usufrui deste, e embora sendo religiosa, o texto não narra suas idas a igreja. Assim, Cláudia é uma mulher que desempenha o papel de mãe, de esposa e que está preparada para lidar com o ambiente doméstico, portando-se como uma verdadeira mulher tradicional, com características específicas, ocupando o mesmo lugar social que Emília e Carlota, analisadas nos outros dois romances, *O amanuense Belmiro* e *Abdias*.

PERSONAGENS FEMININAS MODERNAS: SUA INSERÇÃO NOS TEARES

A primeira personagem feminina – que apresenta comportamentos modernos – a ser analisada é Jandira, de *O Amanuense Belmiro*. Segundo o narrador suas ideias eram socialistas e subversivas, por isso teve receio de ela ser presa por essa razão, como se pode comprovar no fragmento: “Fico lisonjeada com essa ideia de que sou conspiradora. Veja que coisa bonita: a jovem Jandira, ardente revolucionária, concitando os homens à luta, empunha a bandeira vermelha, põe-se à frente do bando, cai abatida pela metralha...”¹⁹ É com um tom irônico que Jandira retoma o assunto sobre a conspiração comunista tratada no texto literário. No seu discurso, percebe-se que o narrador expõe sua opinião e que Jandira conhecia as ideologias do comunismo e a repressão política do país a respeito do assunto. Além disso, seu posicionamento a respeito de política e movimentos revolucionários é um tanto atual e inovador para a época, como se pode comprovar: “– Olhe, Belmiro, tenho pensado que o papel de indivíduos como nós é ficar à margem dessas coisas. O mundo está errado, mas receio que, apelando para a violência, se cometam erros maiores. Confio na evolução social.”²⁰ O narrador, por meio do discurso direto, dá voz a Jandira, no texto, para deixar explícito seu

¹⁹ ANJOS. *O amanuense Belmiro*, p. 80.

²⁰ ANJOS. *O amanuense Belmiro*, p. 135.

posicionamento sobre o modelo político e a insatisfação com a atual situação social do Brasil. No entanto o faz de maneira ponderada, sem extremismos radicais: a personagem era politizada, engajada, crítica, revolucionária e forte, mas não fazia parte do movimento comunista. A narrativa também mostra que ela defendia os direitos iguais entre os comportamentos dos indivíduos: “– Não acho graça nenhuma nisso. Vocês casados, deveriam ter mais compostura. E se as mulheres resolvessem adotar sua teoria, para enganar os maridos? Achariam bom?”²¹ Mais uma vez, nota-se a atitude moderna de Jandira, que se impunha e defendia as mulheres quanto à igualdade de direitos com os homens, questionando o modo de agir devasso dos amigos.

No diário, não há referência à escolaridade dessa personagem, mas o texto mostra sua autonomia em exercer seu papel na sociedade, como cidadã que tem um lugar social, nesse ambiente onde vive, seja nas reuniões em que discutia temas literários e sociais, no trabalho, etc. Esse comportamento não era comum nessa época, em que a maioria das mulheres seguia os padrões de comportamentos tradicionais, por isso Jandira era criticada por outras do seu sexo, como se pode ver no texto literário: “ Mariana olha-a com reservas, com aquele instinto infalível e feroz da boa matrona que quer conservar o seu homem para si. Tem sido inútil meu trabalho em favor da moça. Mariana desconfia das literatas (assim denomina todas as mulheres de ideias avançadas).”²²

Percebe-se que o narrador sabia da diferença entre a maneira de Jandira se comportar, as ideias avançadas dessa e a das demais mulheres daquela época, nesse mesmo ambiente. Ele conta sobre as reuniões em que a personagem feminina Jandira era a única mulher do grupo e estava sempre presente e discutia os assuntos tratados pelos homens. E, além disso, era amiga de um homem, Belmiro.

As atividades desempenhadas por Jandira eram as de uma mulher moderna, porque trabalhava no espaço público e se sustentava financeiramente: “Contou-me que obteve colocação no escritório de um advogado, o dr. Pereirinha.”²³ Ela trabalhava fora de casa, em Belo Horizonte, onde morava com uma tia, sem a presença e sustento de um homem. Apesar de ser independente, o narrador traz à tona as dificuldades pelas quais uma mulher passava para se manter nesse ambiente público, mas ela se impôs no mercado de trabalho, mesmo com o assédio masculino:

²¹ ANJOS. *O amanuense Belmiro*, p. 47.

²² ANJOS. *O amanuense Belmiro*, p. 28-29.

²³ ANJOS. *O amanuense Belmiro*, p. 41.

Sentados à mesinha ao ar livre, onde costumamos reunir-nos, Jandira desabafou-se.

Desde muito tempo, o dr. Pereirinha a perseguia. Confessou-lhe que, quando a chamou para o escritório, já a amava. Estava apaixonado. Essa manobra não a surpreendeu, pois não era a primeira vez que se via assediada por homens casados ou não. Alguns mais ousados se aventuravam, mesmo, a fazer-lhe propostas desonestas, que foram repelidas com energia. Mas o dr. Pereirinha... Era um homem incrível, de tenacidade absurda. (...) Nos últimos dias, entrara num período de ação e vivia procurando contatos, apertos de mão... Por várias vezes – continuou Jandira – ela ameaçou deixar o serviço. Hoje, o homem foi mais atirado. Declarou não poder viver sem ela, não saber o que irá acontecer, pois está desesperado. E, ao ouvir palavras de repulsa, abraçou-a à força, tentando beijá-la. O rumor dos passos de um cliente que entrava na antessala do escritório salvou a situação.

– Em resumo, terminou Jandira, deixei o emprego.

– Isso é o menos, respondi. Arranja-se outro.

– Mas o problema continua. Sempre haverá um homem e uma datilógrafa. Não calcula como é difícil a gente sustentar esta defesa permanente.²⁴

No episódio ocorrido entre a personagem e o patrão, fica evidente que o narrador sabe dos problemas que as mulheres enfrentavam para se impor profissionalmente, em Minas Gerais, no início do século 20. Ou seja, Cyro dos Anjos denuncia o preconceito da época em relação à dificuldade das mulheres se imporem como indivíduo nesse contexto. Percebe-se que, ao ocupar o espaço público, esse ser está disponível aos assédios masculinos, mesmo os de homens bem formados e informados intelectualmente, como no caso do advogado.

O narrador representa, no livro, os fatos, que já foram contados a ele, anteriormente, por Jandira. Ele apresenta, em terceira pessoa, a maioria dos acontecimentos, mas, em alguns instantes, mescla o texto com o discurso direto, ao representar Jandira, e até insere a voz da moça no romance. Nessa época, as mulheres sofrem opressões dos homens que ainda não estão acostumados a lidar com elas nesse ambiente, por isso as assediam e não respeitam seu espaço nessa sociedade, nem para exercerem uma profissão.

Em *O Amanuense Belmiro*, nota-se que Jandira recusava amantes e que se esquivava dos assédios que sofria dos amigos – os companheiros de debate e conversa –, como também recusava com frieza e de forma racional as propostas de casamento que recebia: “Jandira me disse, meio sorridente: – Esse homem que esteve aqui e que vocês não conhecem está-me perseguindo com propostas de casamento.”²⁵ A atitude dessa personagem é a de uma mulher moderna, porque, nesse contexto sociocultural, o recorrente ainda era que as mulheres se casassem e aceitassem propostas vantajosas de casamento.

²⁴ ANJOS. *O Amanuense Belmiro*, p. 83-84.

²⁵ ANJOS. *O Amanuense Belmiro*, p. 49.

A partir dos apontamentos expostos, é possível concluir, de *O Amanuense Belmiro*, que a personagem Jandira foi construída conforme os padrões de modernidade da época, portando-se como uma intelectual, culta e engajada, com opiniões críticas sobre os assuntos políticos e sociais de sua época. Suas atitudes são também modernas quanto à religiosidade, pois, no romance, não há qualquer referência sobre Jandira ser praticante do Catolicismo, ao contrário de Emília, e da tia de Jandira que iam à missa. Isso é típico das mulheres engajadas, que substituem a religião por questões sociais e reuniões com pessoas que compartilham das mesmas ideologias. Sabe-se que, nesse momento, em Minas Gerais, a maioria das mulheres nem era alfabetizada, pois as escolas eram escassas e a sociedade, de forma geral, não se preocupava com a educação das mulheres; a elas era imposto o aprendizado de agulha, costurar, lavar e os bons costumes, que implicavam a boa maneira de se portarem para assumirem o papel de dona de casa, diante dos homens e da sociedade. No entanto, o diário de Cyro dos Anjos presenteia seu leitor com essa personagem com atitudes condizentes com a nova época, quando a nova sociedade emerge no país, uma personagem que se afasta de todos os afazeres da casa, de marido e filhos, para ser respeitada no âmbito público.

A segunda personagem feminina moderna desta análise é Gabriela, do romance *Abdias*, uma adolescente que estudava no colégio onde o narrador-personagem Abdias ministrava aulas de literatura, numa escola que não se presta exclusivamente à educação de prendas domésticas e comportamentos femininos. Ela era de uma família de classe privilegiada, por isso não tinha problemas financeiros; estudava em uma escola particular; morava em um bairro de classe média, com um pai médico, com boas condições econômicas e convivia com as pessoas, principalmente com mulheres, da mesma classe que a sua.

Gabriela não trabalhava para seu sustento; sua atividade pública era estudar, e também, prestava trabalho de voluntária, juntamente com outras mulheres, dando assistência social às pessoas de bairros pobres de Belo Horizonte. No início do livro, ela desconhecía a pobreza e a miséria existentes na periferia e, a partir do contato com esse ambiente, passou a ter ideias de igualdade social, e a defender a existência de uma sociedade mais justa e igualitária. Devido a tais atitudes, a personagem é considerada pelo narrador como socialista: “– Mas há tanta miséria, assim, como o senhor diz?... foi tomado de grande espanto ao encontrar, no seu caminho, um mendigo coberto de chagas, que, por descuido, os guardas não tinham enxotado. Desconhecía o sofrimento humano.”²⁶ Percebe-se que, ao conhecer outra realidade, Gabriela se surpreende com a situação, mas isso não é explícito no texto, porque

²⁶ ANJOS. *Abdias*, p. 91.

Abdias narra os acontecimentos e representa seus sentimentos em terceira pessoa; o narrador não conhece a alma da personagem como um narrador onisciente, para explicar os seus pensamentos e opiniões. Tanto em *Abdias*, como no primeiro, *O Amanuense Belmiro*, os dois narradores, Belmiro e Abdias, querem dar voz às personagens por meio do discurso direto.

Outro aspecto relevante a respeito da consciência social, o que pode ser exemplificado no seguinte trecho, em que o narrador, ao receber carta que ela enviara do Rio de Janeiro, diz:

Impressionava-a, no Rio, o contraste, mais flagrante do que em Minas, entre a vida penosa do operário, do pequeno funcionário, dos empregados, em geral, e a folga dos ricos que, ao menos por uma questão de respeito, não deviam, nestes tempos duros, exhibir sua opulência, alguns, e sua ociosidade, outros. (...) “Titio está alarmado com algumas de minhas ideias, que diz não serem próprias de menina de família. Poderia uma menina de família, mandar um abraço para o caro professor ou deveria limitar-se ao *com a estima sincera da Gabriela*, que escrevi acima? Na dúvida, opto pelo abraço, que aqui vai...”²⁷

No fragmento da carta de Gabriela, escrito entre aspas, por meio do qual se evidencia a consciência crítica que ela possuía, sua concepção e os valores defendidos, mostrando, também, como a sociedade se posiciona a respeito da maneira como a mulher deveria se portar nesse contexto histórico e social.

Gabriela também lia obras inadequadas para uma mulher, conforme este trecho: “Os rapazes familiarizaram-na com a poesia moderna, e Gabriela refere-se a Eliot, Neruda, Lorca e outros, com grande entusiasmo.”²⁸ Assim, essa personagem tem habilidade de ler qualquer livro, igual aos homens. Além disso, Gabriela discutia literatura clássica e escreveu contos. Sobre sua qualidade literária, Abdias teve a seguinte opinião: “Creio que Gabriela – suficientemente capaz de autocrítica para desconfiar de suas aptidões naquele gênero – ficou meio céptica, no tocante à sinceridade de minhas palavras.”²⁹ Por meio desse fragmento, percebe-se que a personagem tem um conhecimento de crítica literária porque tem consciência da qualidade de sua escrita e, com isso, o narrador informa que essa prática não é recorrente entre as mulheres da época, na sociedade da capital mineira, porque o normal era que as mulheres ricas se preocupassem e se preparassem para o casamento.

A construção dessa personagem foge do estereótipo das demais mulheres em *Abdias*; ela é a única apresentada como mulher segura, com atitudes independentes, engajada, que assume seu direito de decisão a respeito da própria vida amorosa. Na primeira metade do

²⁷ ANJOS. *Abdias*, p.190.

²⁸ ANJOS. *Abdias*, p. 172.

²⁹ ANJOS. *Abdias*, p. 173.

século 20, quase todas as mulheres eram criadas para se casarem, e a educação de Gabriela também não era diferente. Sua família, principalmente a mãe, desejava que a filha se casasse. A personagem Gabriela teve um pretendente para se casar, que, segundo seu pai, tratava-se de um rapaz de família rica do Rio de Janeiro, no entanto, a filha enviou-lhe uma carta em que recusava a proposta de casamento:

Com grande alívio para mim, acabou-se o noivado.
Fui uma tola, papai. Pensei que o Rômulo partilhasse realmente de minhas idéias. Ele se mostrou hábil, a princípio, em esconder a sua cretinice.
O Nenen, que é um *grande* sociólogo, procurava tranquilizá-lo, mas o homem estava apavorado. Uma menina de Minas com estas coisas na cabeça! Quando lhe falei que devia construir uma vila operária moderna, junto a cada uma das fábricas, com escola, praça de esportes, etc., quase deu um ataque. Se eu entrasse na família, esse velho capitão-de-indústria ia durar muito pouco tempo. Também, deve estar amarelo, assim, é de ter o coração tão duro. Soube coisas incríveis a respeito de uns serviços de construção de estrada de ferro que a Companhia tem no interior.
Os operários só recebem vales e morrem na miséria, quando o impudismo não os mata. Alguns desgraçados conseguem fugir daquele inferno, mas a maioria acaba lá.³⁰

Na citação acima, o narrador mostra a voz de Gabriela através da carta que copia na íntegra, entre aspas, no livro, e o leitor pode comprovar tudo o que ele disse a respeito das convicções da moça. Pela inserção da escrita da personagem, é possível conhecê-la, seu olhar, seu discurso e as ideias que defendia com relação aos problemas sociais – que ainda hoje continuam atuais – e também suas inquietações a respeito do casamento. A personagem rompe com um pedido de casamento devido à sua ideologia socialista, por honrar suas convicções acerca de uma sociedade mais justa e igualitária.

Pode-se dizer, pelos fatos expostos, que Gabriela representa a modernidade, porque tem conhecimento a respeito do casamento e deseja um marido que com ela divida as mesmas opiniões, ou seja, ela não quer um casamento por conveniência. Além disso, é uma mulher engajada, sabe como é a injustiça social e a diferença entre as classes, possuindo uma opinião crítica sobre a diferença entre pobres e ricos, empregados e patrões. Em *Abdias*, a personagem, criada segundo as concepções modernas da capital, sofre a influência do ambiente: Gabriela nasceu e cresceu em um espaço moderno, estudou numa escola de elite, teve acesso a informação e constituiu-se como ser ativo quanto à ideologia de uma igualdade social. A oportunidade dessa personagem não é como a de outras mulheres, porque poucas eram alfabetizadas, pois as escolas da época eram escassas, e a maioria dos alunos estudava

³⁰ ANJOS. *Abdias*, p. 193.

em casa com professores particulares e só compareciam às escolas para fazerem provas. No entanto, seu lazer era ler e escrever, além de discutir literatura e sociologia como o amigo, o professor Abdias.

A última personagem moderna que será analisada se encontra em *Montanha*, de Cyro dos Anjos, livro sobre o qual o autor, em entrevista a Giovanni Ricciardi, posiciona-se, dizendo: “A política é apenas um tema um pouco árido, mas nesse livro eu criei um elemento lírico que dá sustentação ao livro como romance: é uma personagem feminina.”³¹ E é essa personagem feminina, Ana Maria, que será analisada a seguir.

Ana Maria, apelidada Naná, que foi morar em Cristália, na casa do amigo de seu pai, o político Pedro Gabriel, que era casado com Cláudia, personagem que foi analisada com o perfil tradicional. Ela mudou-se para a casa de Cláudia porque ela foi estudar Direito em outra cidade, sem a companhia de um tutor. *Montanha* narra o envolvimento de Ana Maria com Pedro quando eles já haviam rompido a relação amorosa: o leitor sabe do envolvimento dos dois através da memória do político, ao se lembrar da moça, e, também, por meio do diário de Ana Maria, o qual foi inserido com a letra em itálico, na narrativa.

Esse diário é colocado na ficção e, através dele, o leitor tem contato com a voz dessa personagem. O narrador mostra, através de sua onisciência, que Ana Maria sabe que o diário poderia incriminar o amante: “Valia a pena pregar um susto no Pedro. Morreria de medo ao saber que manipulo um *diário* – isto é, uma substância altamente perigosa, suscetível de ser difundida pelo Brasil inteiro, graças ao invento de um cavalheiro chamado Gutemberg!”³² Nesse fragmento, percebe-se que a personagem sabia que “diário” é um texto que proporciona uma intimidade do escritor consigo mesmo, sendo também uma forma de refúgio. Nos dois livros anteriores, *O Amanuense Belmiro* e *Abdias*, os escritores do diário, nesses textos literários, eram os sujeitos masculinos – Belmiro; Redelvim e Abdias –, em *Montanha*, é uma personagem feminina, Ana Maria.

Coincidentemente, como Jandira e Gabriela, Ana Maria também lia obras literárias, entretanto essa personagem é construída com características mais modernas que as outras duas, devido ao fato de ter escrito crônicas para o jornal de sua cidade natal, no interior, tendo sobre isso a seguinte opinião: “O pretexto foram umas crônicas que escrevi no jornalzinho local, umas ingenuidades que hoje me fazem sorrir.”³³ Com essa mesma idade, escolheu

³¹ ANJOS. Escritores mineiros: Cyro dos Anjos, p. 140.

³² ANJOS. *Montanha*, p. 74-75.

³³ ANJOS. *Montanha*, p. 79.

cursar Direito, e o pai, um político de Catas Altas do Sincorá, cidade do interior, repudiava esse comportamento: “– Imagine, Dr. Pedro, meteram-lhe na cabeça a ideia de entrar para a Faculdade de Direito.”³⁴

Outra demonstração de independência de Ana Maria foi sair da casa do político Pedro, após os dois romperem, e se mudar para uma pensão. Esse comportamento não era comum às mulheres e, em páginas anteriores, o texto mostra que ela foi morar na casa de Pedro porque seu pai não permitiu que ela fosse morar em uma pensão, mas, com o tempo, ela conquistou isso: “De acordo com os planos previamente estabelecidos, mudei-me para o pensionato.”³⁵ Devido a seu caráter forte e decidido, Ana Maria era temida por Pedro, que tinha uma posição social significativa como político e era casado, não querendo se separar da esposa por causa de uma amante. Ele se refere a ela da seguinte maneira:

Em matéria de mulheres, confio mais nas gordas e baixinhas. Acomodatísticas por natureza, não criam casos. As esguias e delgadas são insubmissas, incontentáveis, só arranjam encrencas. Então essa Nanazinha, com o sangue selvagem dos Toledos de Caltas Altas!...³⁶

Com essa citação, nota-se que o ex-amante tinha medo das atitudes de Ana Maria, atribuindo seu caráter à herança familiar e revelando seu comportamento condizente com seu físico. É bom ressaltar que no Brasil, nessa época, as pessoas já podiam se separar, mas as pessoas desquitadas não podiam se casar novamente no Brasil. O livro traz um exemplo disso com a personagem Edméia, uma carioca que era separada e se casou novamente no exterior.

Naná possuía, ainda, mais uma característica que remetia a uma coincidência com Jandira e Gabriela: a amizade com os homens. E, assim, como acontecia com as duas, eles também se apaixonavam ou sentiam desejos por ela: “Visita de Everardo. Veio conhecer minhas novas instalações. Trouxe-me de presente um álbum de Beethoven. Ouvimos juntos.”³⁷ A personagem Ana Maria também tinha atividade de lazer com um homem, nesse caso, Everardo, e conhecia e discutia com ele a respeito de músicas clássicas: “Nisto o doente do quarto vizinho põe na sua vitrola um concerto de Mozart.”³⁸ A personagem recebe também livros de presente: “E Everardo me deu o Orlando, de Virgínia Woolf.”³⁹ Além da leitura

³⁴ ANJOS. *Montanha*, p. 79.

³⁵ ANJOS. *Montanha*, p. 86.

³⁶ ANJOS. *Montanha*, p. 54.

³⁷ ANJOS. *Montanha*, p. 86.

³⁸ ANJOS. *Montanha*, p. 221.

³⁹ ANJOS. *Montanha*, p. 87.

literária, ela conhece também livros de literatura universal: “– Pronto! Pode entrar. Menino, que rosas lindas! Você se arruína com esta sua Dama das Camélias.”⁴⁰ Naná fazia leitura de Alexandre Dumas, e de Calderon: “A vida não tem nada de sonho. É uma realidade tremenda, Señor Calderon!” A personagem também lia autores como Max Sceller e filosofia, em francês.

Após ocupar a posição de graduanda em Direito, Ana Maria adquire um trabalho em um lugar público e, ao ser aprovada em concurso público, muda-se para a cidade do Rio de Janeiro: “tinha feito um concurso no DASP e ia ser aproveitada no Rio.”⁴¹ Na capital do país, Naná continuou morando em uma pensão e assumindo todas as suas responsabilidades como indivíduo:

– ... se venho levando as coisas com jeito, é porque me *convém*, entende? É *útil*, nesta organização feudal, que uma jovem se mostre em harmonia com a família! Se papai se opuser, rompo com ele! E não sabem o que sou capaz de fazer! Agora sou dona do meu nariz.⁴²

O emprego foi um fato que trouxe mais independência para a personagem, que se tornou mais autônoma, pois não dependia mais financeiramente do pai. Mas, nessa sociedade em que vivia, ela sabia que precisava de uma referência familiar: “– convém *usar* pai! É só por isso! Uma pequena sem família encontra dificuldades por toda a parte, nesta sociedade cretina, atrasada!”⁴³ Os pensamentos de Ana Maria comprovam sua identidade de uma mulher militante e “feminista”.

A personagem Ana Maria revelava seus valores e ideologias, defendendo que o casamento era uma união de um homem e uma mulher que se amavam, não se tratando de um contrato por conveniências: “– Ana, eu casaria agora mesmo, se você quisesse. Iríamos viver num chalezinho aqui por perto, até que ficasse inteiramente curada. – Meu bem, tenho pedido tanto que não fale nisto... É uma ideia completamente insensata.”⁴⁴ Esse trecho demonstra que o amigo de Naná, Everardo, apaixonou-se por ela, mas seus sentimentos não eram correspondidos pela amiga. Isso também aconteceu em *O Amanuense Belmiro* e *Abdias*, pois não há correspondência dos desejos masculinos pelas personagens modernas.

⁴⁰ ANJOS. *Montanha*, p. 204.

⁴¹ ANJOS. *Montanha*, p. 96.

⁴² ANJOS. *Montanha*, p. 113.

⁴³ ANJOS. *Montanha*, 113.

⁴⁴ ANJOS. *Montanha*, p. 205.

A religião não era praticada por Ana Maria no período em que o livro é narrado. Apesar de conhecer sobre a religião católica, posiciona-se a respeito dela da seguinte forma: “– Acho apenas que o catolicismo, como toda religião, é uma captação imperfeita... não como dizer... da presença de Deus.”⁴⁵ Sabe-se que o rompimento com a religião ocorre porque as pessoas adquirem conhecimentos sociais, filosóficos, literários, entre outros, e começam a questionar valores e imposições religiosas consideradas socialmente como verdades.

Os médicos que tratavam dessa personagem consideram-na revolucionária e pensavam que ela necessitava de um marido: “É uma garota simpática. Eu preferia vê-la bem casada com uma boa ninhada de filhos.”⁴⁶ Além disso, em uma discussão entre dois médicos, um diz: “Essa menina precisava de um homem de pulso firme, que tirasse as fantasias de sua cabeça.”⁴⁷ No trecho há uma recusa em aceitar as atitudes de Ana Maria, pois seu comportamento incomodava a sociedade da época, o que pode também ser verificado em outro fragmento do livro: “É uma garota cheia de troços na cabeça. Toda filosófica, entendes? – Para as filósofas não há nada como um bom macho. Essa mocinha precisa é deixar de complicações e viver simplesmente como qualquer mulher.”⁴⁸ Com isso, nota-se que os homens representados no texto literário tinham uma opinião a respeito das mulheres e sobre como todas elas deveriam se portar dentro desse contexto. Isso porque, culturalmente, a mulher deveria se casar e ter um homem para dominá-la e “abafar” seu discurso, impedindo sua inserção no ambiente público. Nota-se, nesse contexto, que essas personagens repetem um “modelo” cientificista do final do século 19, o qual está presente no discurso dos higienistas, como já foi abordado neste texto. Naná, no entanto, sabia das convenções sociais e preferia ser indiferente a elas, sendo isso algo nato dessa personagem: essa ânsia de romper com a tradição. Tal afirmação pode ser comprovada por seu pensamento, no seguinte trecho de *Montanha*:

Sou capaz de me transformar numa dona-de-casa gorda e doceira, como é sonho dele. Por que não? Mas quererá mesmo isto ou apenas graceja? Pelo que diz, acha-me extremamente complicada. Preferia uma companheira tranquila, matronal, que lhe desse uma dúzia de filhos. Fita pura! Garanto que me quer é assim mesmo como sou. Do contrário não andaria rente de mim, como um luluzinho... Coitado, não sabe o que procura...⁴⁹

⁴⁵ ANJOS. *Montanha*, p. 205.

⁴⁶ ANJOS. *Montanha*, p. 194.

⁴⁷ ANJOS. *Montanha*, p. 195.

⁴⁸ ANJOS. *Montanha*, p. 194.

⁴⁹ ANJOS. *Montanha*, p. 74.

No fragmento acima, o narrador evidenciou a consciência que Ana Maria tinha sobre seu comportamento moderno; ela reconhecia sua diferença em relação às demais mulheres e possuía um pensamento perverso, nesse contexto, embora tivesse consciência de que, segundo as convenções patriarcais, a mulher devesse se casar, cozinhar, ter muitos filhos e não ser tomada por esse estereótipo moderno que era o de usar a leitura para lazer e aquisição do conhecimento social, escrever literatura, etc.

Ana Maria, assim como Jandira e Gabriela, aparece representada, na maioria das vezes, pela própria voz desse narrador. Isso se explica pelo fato de as suas vozes femininas serem podadas pelos três narradores, nos três romances, os quais controlam suas atitudes, sem deixá-las fluir no contexto histórico e cultural que representam. Suas representações confundem-se com suas preferências femininas, como pontua Ruth Silviano Brandão: “Se o narrador as apresenta, no início de diversos romances, como personagens desejantes, com voz própria, elas acabam por se ajustar ao ideal feminino do sujeito-narrador.”⁵⁰ Essa mesma estudiosa afirma, ainda: “o temor do homem diante da mulher desejante, com discurso próprio, acaba por calá-la, através de um estranho recurso: registrar a voz feminina via discurso masculino, aí inscrevendo-a como se fosse sua própria enunciação.”⁵¹ A partir disso, é pertinente afirmar que, em *Montanha*, o narrador constrói essa personagem feminina com marcas da sociedade moderna, assim como as outras duas, Jandira e Gabriela, dos outros dois, *O Amanuense Belmiro* e *Abdias*.

CONCLUSÃO

As personagens Emília, Carlota ou Cláudia portam com atitudes tradicionais: Emília é construída com a rusticidade interiorana que a acompanha na capital. Carlota porta-se como uma mulher mais refinada, mas também é sustentada por Abdias e desempenha somente as atividades familiares, sem ter qualquer outra ocupação no espaço público. Cláudia, apesar das condições econômicas da família, foi criada para se casar, sendo sua relação social de dependência do marido. Essas três personagens vivem à “sombra” dos homens: Emília, à do irmão, que é seu tutor e a sustenta financeiramente; as outras duas, Carlota e Cláudia, também, são amparadas financeiramente e socialmente pelo sujeito masculino, no caso, seus maridos. Elas são conformadas com o papel que desempenham nessa sociedade, além de serem adeptas da religião católica. Coincidentemente, as três personagens são metáforas de

⁵⁰ BRANDÃO. *Mulher ao pé da letra: a personagem feminina na literatura*, p. 53.

⁵¹ BRANDÃO. *Mulher ao pé da letra: a personagem feminina na literatura*, p. 54.

Penélope, pois elas sempre tecem. Emília tece renda de bilro; Carlota tece filhos, pois é mãe de quatro e morre ao dar à luz o último; a última, Cláudia, tece tricô. Suas habilidades em tecer podem se comparar à própria escritura do texto literário pelos narradores, os quais tecem seus textos fictícios.

Em oposição às personagens tradicionais, as personagens modernas dos romances em análise são representadas por Jandira, Gabriela e Ana Maria, retratos construídos com elementos da modernização. Assim, suas atitudes rompem com as daquelas tradicionais, por isso, são mulheres que se portam de maneira condizente com a época em que vivem. Com isso, essas mulheres são figuras femininas ativas porque agem com postura feminista e são engajadas socialmente. Ou seja, defendem ideias de igualdade baseadas nas ideologias do socialismo e/ou comunismo, possuindo, desse modo, informações e conhecimentos para discutirem e debaterem esses assuntos. Além disso, elas também não se casaram por conveniência, nas narrativas, e não tiveram filhos. Dessas três personagens, Jandira e Ana Maria trabalhavam no âmbito público, sustentavam-se financeiramente e não dependiam de um homem para mantê-las. Somente Gabriela, devido à idade, ainda não tinha uma profissão para o sustento. Entre as três, havia, em comum, o fato de elas serem leitoras de literatura, sociologia, filosofia, e também, reunirem com homens para discutir sociologia, literatura, etc.

ABSTRACT

This research analyses the way female characters are portrayed in *O Amanuense Belmiro*, *Abdias* and *Montanha*, by Cyro dos Anjos, observing what happens according to their narrators, the representation of these figures that present traditional and modern stereotypes. The traditional characters that make up the corpus are drawn from each of these novels, and Emily, Charlotte and Claudia figures who act contaminated by traces of attitudes linked to a sociocultural tradition. In contrast, we examine also the modern characters Jandira, Gabriela and Anna Maria, which are built with aspects of the modern woman. Theoretical resource, we use theoretical and critical texts on the historical and cultural context of colonial Brazil until the twentieth century, in order to understand the social conventions and figuration of the characters that simulate certain behaviors that social structure.

KEYWORDS

Female representation, novels, Cyro dos Anjos

REFERÊNCIAS

ANJOS, Cyro dos. *Abdias*. Belo Horizonte: Garnier, 1994a.

ANJOS, Cyro dos. *A menina do sobrado*. Belo Horizonte: Garnier, 1994b.

ANJOS, Cyro dos. *Montanha*. Belo Horizonte: Garnier, 1994c.

ANJOS, Cyro dos. *O Amanuense Belmiro*. São Paulo: Globo, 2006.

ANJOS, Cyro. Escritores mineiros: Cyro dos Anjos. In: RICCIARDI, Giovanni. *Biografia e criação literária: entrevistas com escritores mineiros*. Org. Dulce Mindlin. Ouro Preto: Editora UFOP, 2008. p. 122-141.

BRANDÃO, Ruth Silviano. *Mulher ao pé da letra: a personagem feminina na literatura*. Belo Horizonte: Editora UFMG/Secretaria Municipal da Cultura, 1993.

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: _____. *et al. A personagem de ficção*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1974. p. 51-80.

FORSTER, E. M. *Aspectos do romance*. Trad. Maria Helena Martins. Porto Alegre: Globo, 1995.

MALUF, Marina; MOT, Maria Lúcia. Recôndidos do mundo feminino. In: MELO e SOUZA, Laura de (Org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 367-421. v. 3.